

«Levante-se o Réu» contava histórias dos tribunais portugueses, com pessoas reais e crimes verdadeiros, mas havia quem julgasse que eram inventados. Que os réus, acusadores, testemunhas e magistrados seriam personagens de ficção. Mas não eram nem podiam. Todas as semanas eu voltava, por assim dizer, ao local do crime: ao tribunal. Só alterava os nomes para proteger as identidades nos casos mais delicados. Não se pode mentir em jornalismo. A realidade – a chamada vida – é que tem muita imaginação.



Entre 1990 e 2007, Rui Cardoso Martins assistiu a mais de 700 casos de justiça em sessões públicas de tribunal. Depois, fixou-os num registo literário de efeitos ora cómicos, ora comentados, sempre com uma capacidade notável para captar a justiça e a injustiça, o chocante e o caricato.

Levante-se o Réu recupera a saudosa rubrica do *Público*, reunindo as cem melhores crónicas do



LEVANTE-SE

O RÉU



RUI CARDOSO MARTINS

Rui Cardoso Martins

LEVANTE-SE
O REU

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXV

ÍNDICE

Na chamada vida. 13

LEVANTE-SE O RÉU

N/ acons. men. 2 anos 19

O homem que aproveitava a hora de almoço 22

O temível homem da catana. 25

A herança de sangue. 29

A Piranha ataca no Tejo. 32

O caso da mão postiça. 35

O homem da Ponte Salazar. 38

Este sacaninha. 41

A primeira vez. 44

O mundo é profundamente injusto. 48

O carniceiro da linha de Sintra 51

Tenham pena da humanidade. 55

O amor é louco 58

O escabroso caso do tráfico de caldos Knorr 62

Meio retrato de Ricardina 67

A mulher que estava bem com a vida 71

O anjo e a besta. 75

O pirata 79

O caso do músico sensível. 82

O pai da fotografia 86

© 2015, Rui Cardoso Martins
Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6-A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Levante-se o Réu*
Autor: Rui Cardoso Martins
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Távares)

1.ª edição: Agosto de 2015

ISBN: 978-989-671-268-6
Depósito Legal n.º 395016/15

Adeus, mãezinha, não vou partir	90
Isto em França não era assim	94
Na Roda Gigante	98
O pai tirano	102
A culpa é dos jornais.	106
Um animal entre senhoras	110
Artur, o obstinado	115
O dia em que a outra telefonou	118
O crime dois-em-um	122
O recepcionista.	126
O velho que roubava água	129
O judoca.	132
Um desastre aéreo	136
O cavaleiro do asfalto	140
Aleluia em Caxias.	143
Um tiro no olho	147
Uma história velha	150
Um miserável.	154
O homem que mordeu a vizinha de cima.	158
A vida é bera	162
Homem mata outro à sacholada	166
O mal de inveja	170
O poço da morte.	173
O caso do marinheiro adúltero	177
O homem-porco.	181
O combate de morte	185
As melhores pastagens do Oeste.	189
A morte grosseira	192
O caso da campanha infiel.	196
Uma tarde de raiva	199

O boletim de vacinas	203
O pobre diabo.	207
A morte da tartaruga	210
A cadeira partida	214
O escândalo do capachinho	218
O amigo grande.	221
Já está	224
Sexo na esquadra.	228
SOS galinhas	231
O furacão Maria Isabel	235
O que 'tá mal, 'tá mal	238
Mil e uma noites brancas	241
Um homem exigente	244
Pensas que isto é a brincar	247
Um tiro no sexo	250
Um fantasma.	254
O meu irmão	257
Alô, mundo, escuto	261
Um curso com muita saída	264
Conseguí correr com a preta	267
O ciumento	270
Uma menina em carne e osso.	273
O bafo do cavalo.	277
Ruínas da arquitectura moderna	280
O prédio paranóico	283
O comboio é muito longe	286
Fizeste de mim pessoa negativa.	289
Tenho mãe, não tenho nada	292
A factura discriminada	295
A maculada concepção	299

Relatório de um amor imperceptível	302
Um coração ao contrário.	305
Na Terra da Brincadeira.	309
Urgência hospitalar	312
O homem que sequestrava mulheres parecidas . . .	315
Relatório surdo-mudo	318
Maná do inferno	321
O imputável não perigoso.	324
Dois filhos mortos	328
A mulher que ouve coisas	331
O Lino da minha aldeia.	334
Sabes o que é um animal?	337
Uma loucura momentânea que dura há bastante tempo	340
Uma bela qualquer coisa	343
O teu nome é meu	346
Lixo sentimental.	349
Benfica contra Porto	353
Deitar as cartas.	356
Menu de hambúguer	359
O grande Stanislas	362

LEVANTE-SE O RÉU: APRESENTAÇÃO

Na chamada vida

Um dia um leitor disse-me a rir:

— As coisas que você inventa...

Na mesma semana, um procurador da República, na sala de audiências do Palácio da Justiça de Lisboa e antes de iniciar um julgamento, avisou:

— As suas crónicas são muito rigorosas.

Percebi assim os efeitos contraditórios de «Levante-se o Réu». Contava histórias dos tribunais portugueses, com pessoas reais e crimes verdadeiros, mas havia quem julgasse que eram inventados. Que os réus, acusadores, testemunhas e magistrados seriam personagens de ficção. Mas não eram nem podiam. Todas as semanas eu voltava, por assim dizer, ao local do crime: ao tribunal. Só alterava os nomes para proteger as identidades nos casos mais delicados.

Não se pode mentir em jornalismo. A realidade — a chamada vida — é que tem muita imaginação.

«Levante-se o Réu» nasceu há 25 anos com o jornal *Público*. No curso de acesso ao jornal, eu tinha feito uma reportagem sobre o julgamento de jovens *punks* e anarcas que pisaram a bandeira nacional e não estavam nada arrependidos. A direcção de Vicente Jorge Silva desafiou um estagiário sem experiência a recuperar

uma tradição do jornalismo português, a crónica de tribunal. O jornal estreou-se a 5 de Março de 1990 e a crónica na primeira semana, a II.

Teve uma entrada cómica nos bastidores da imprensa. O grupo de *copy-desks*, revisores do jornal, estudou a estranha narrativa, o corpo aleatório de palavras, revirou-lhe as tripas e devolveu à minha secretária uma prosa limpa, pronta a publicar. Tinham-na transformado em notícia de *faits-divers*: quem, quando, como, porquê, tudo pela ordem clássica. Subi ao gabinete dos *desks*. Muito obrigado mas nem pensem nisso, disse-lhes, isto é uma crónica. As gralhas que lá estavam saltaram mas o texto inicial saiu para a rua, impresso. Ficámos todos amigos e a crónica seria corrigida pelos excelentes *desks* nos 17 anos seguintes. De Março de 1990 a Janeiro de 2007.

Houve um primeiro livrinho publicado em 1996 e que saiu com o jornal (coleção *Os Contemporâneos do Público*). Meia dúzia desses textos regressam nesta colectânea, o resto é novidade.

Os julgamentos relatados em «Levante-se o Réu» são resultado de sessões públicas, de porta aberta. Nestas, qualquer pessoa pode entrar e assistir (excepto as testemunhas que ainda vão depor nesse mesmo caso). Algumas vezes, socorri-me da leitura dos autos e de conversas com juízes, procuradores, acusados, polícias, funcionários, etc., no próprio tribunal. Nos primeiros tempos só escrevi sobre casos de 1.^a instância — tribunal de polícia — crimes apanhados em flagrante e julgados na manhã ou tarde seguinte. Mais tarde, vieram os julgamentos criminais complexos, que tantas vezes me obrigavam a voltar nas sessões seguintes. Vi e ouvi muita coisa. Muito caso bem e mal resolvido. Justiça e injustiça, milhares e milhares de horas.

Leitores e mestres que admiro disseram-me que «Levante-se o Réu» era um bom retrato da sociedade portuguesa. Se era

então acho que ainda é. Apesar dos anos, mantém surpreendente actualidade (é assim que se diz, parece-me). Ao escolher para este volume cem crónicas de entre cerca de 700, recuperei uma lista baralhada de memórias. Estes casos continuavam dentro de mim. Fazem parte do que sou, de como vejo o mundo e da maneira como escrevo. Do berço ao túmulo, o tempo passa.

Amizade, amor, sexo, traição, homicídio, incesto, pedofilia, maus-tratos, violência doméstica, ciúme, abnegação, racismo, religião, sorte, azar, premeditação, acidente, maldade, bondade, estupidez, egoísmo, heroísmo, mesquinhez, cultura, ignorância, riqueza, miséria, humor. Humor. Velhos e crianças. Anjos e monstros. Casamentos e divórcios. Medo e alívio. Polícias, ladrões, burles, pilha-galinhas, loucos, sonhadores, prosaicos. Vida e morte. Toda a humanidade em Portugal.

Mas por favor

— Tenham pena da humanidade!

como diz um bêbedo que caiu da bicicleta.

Há simplórios e génios da língua. Pessoas a quem ouvi dizer com realismo:

— Recuso-me a ser o bode respiratório.

— Eu lidero-me pelos meus próprios meios.

— Peço perdão, parece-me que vou viver a minha pessoa de outra maneira.

— Quando a necessidade faz falta...

Porque é necessário, faz falta admitir que um dia podemos ser nós o réu. E o leitor, já experimentou?

Um dia um advogado estagiário aproximou-se:

— Não leve a mal, mas tenho a minha casa de banho forrada com as suas crónicas de tribunal. Leio-as na sanita. É para me lembrar que o Direito não tem de ser aborrecido.

Quem pode levar a mal um elogio destes?

Como entretanto a moeda mudou e como a nossa capacidade de converter euros em escudos se está a perder, relembro que, quando se fala em «contos» (mil escudos), temos de multiplicar por cinco. Um homem ganha 50 contos: é igual a 250 euros. Já o nosso Grande Stanislas, curiosamente, há 20 anos recebia 300 milhões de marcos (limpos!) por mês, isto é, 3,2 milhões de contos, um salário de 16 milhões de euros. A refeição habitual do Grande Stanislas num restaurante de luxo atingia os 22 contos, isto é, 110 euros, e por isso é que ele nunca pagava os jantares, esse terrorista da União Europeia (UE).

Por último, um abraço especial ao meu amigo e artista Vasco (de Castro), que durante 17 anos ilustrou «Levante-se o Réu» com uma qualidade e paciência sem limites, o boneco safava sempre a crónica. Também o agradecimento a Leonor Sousa, que desenterrou os textos do centro de documentação do *Público* desde esse século em que havia disquetes e a Internet ia ser não sei o quê.

E um beijo à Inês Rodrigues pelo trabalho de escolha e revisão (e por tudo na chamada vida).

O temível homem da catana

À hora de almoço de um dia de Outubro, quando o sol ainda se equilibrava por cima do Cais do Sodré, mas já se sentia bastante fraco e pálido, e talvez mesmo a escorregar para o horizonte da barra do Tejo, deu-se um episódio.

Dezenas de pessoas que passavam no largo, mais as dezenas que ali estão sempre, começaram a agir curiosamente. Os condutores de automóveis, autocarros e eléctricos fixaram os olhos num ponto e abrandaram a marcha, dando civicamente passagem aos peões. Mas estes não agradeciam e mostravam sinais de grande pressa, para não dizer que estavam de facto a fugir, olhando para trás sem ver onde pisavam. Escondidas pelas bancas das floristas e dos vendedores de jornais formaram-se tertúlias de ampla discussão, com pessoas que nunca se tinham visto mais gordas a cochichar, como conspiradores.

No centro do Cais do Sodré ficou então uma clareira por onde avançou, montado numa bicicleta, apreciando a fluidez do tráfico, um homem alto e magro com uma catana à cintura. Encostou a bicicleta e andou uns metros na direcção da estação sem saber, na sua inocência, que estava a candidatar-se a notícia de jornal. Nas honrosas páginas de crime. No dia seguinte pôde ler, enquanto massajava as costas nas tábuas do calabouço:

«Um falso delegado da polícia brasileira foi detido quinta-feira na estação ferroviária do Cais do Sodré, na capital, quando,

calmamente, passeava com uma catana com meio metro de comprimento à cintura.

«O homem, de 42 anos, engenheiro técnico moçambicano e com domicílio conhecido em Linda-a-Velha, Oeiras, foi abordado por agentes da Polícia Ferroviária, tendo logo afirmado ser ‘delegado da polícia brasileira’ e exibido inclusivamente um crachá verdadeiro.»

Endireitou-se e, apesar de um calabouço ser um local excelente para uma meditação geral sobre a vida e o futuro, ele não o fez. Na verdade, sentia basicamente um arrepio nervoso que punha as folhas do jornal diário a tremerem-lhe nas mãos. Continuou:

«Posteriormente, a PSP veio a apurar que o crachá fora oferecido por um amigo, no Brasil, ao engenheiro técnico, que, segundo tudo indica, pode sofrer de perturbações mentais.»

Subiu a leitura duas linhas. Que, segundo tudo indica, pode sofrer de perturbações mentais. Sim senhor. O jornalismo ao serviço da psiquiatria. Consultas rápidas, relatórios clínicos livres de encargos.

E uns dias depois regressou ao tribunal para ouvir a sentença por detenção e porte de arma branca. Uma arma branca é uma lâmina com um comprimento superior à largura de quatro dedos da mão colados. Provou-se que a sua gloriosa entrada no Cais do Sodré tinha provocado «receio e preocupação» às «pessoas que ali se encontravam para apanhar o comboio». Não se provou, como ele defendera, que na altura em que foi detido «desconhecia a reacção dos utentes» e que a catana, «uma arma proibida», seria «para cortar madeira.» Foi condenado a 120 dias de multa (24 contos no total), ou 80 dias de prisão. E ficou sem a catana.

Mas, quando saiu, deram-lhe uma inesperada oportunidade: a de ele próprio explicar, a um jornal, que raio de facto se passou.

Pois há coisas que são uma coisa num país e outra muito diversa noutro país. É o que às vezes se chama «diversidade de culturas». E que no seu caso foi apenas o seguinte.

Estava à espera da mulher para irem para Cascais, onde ia talar, na madeira de um barco, a estrutura de suporte de um motor marítimo. O seu trabalho é arranjar barcos. Percebe tanto de barcos que foi o primeiro navegador solitário a fazer a viagem de Maputo a Lisboa.

— Eu estava na gare perfeitamente descansado, rodeado de pessoas. Depois apareceu o polícia.

Pediram-lhe a identificação e ele, na carteira, tinha um distintivo da polícia brasileira. Uma coisa de plástico que lhe servirá de porta-moedas, tão verdadeiro como os emblemas de xerife que as crianças usam no Carnaval.

— Eu fiquei estupefacto.

E quanto à catana? Em primeiro lugar, comprou-a no Brasil há dois anos e trouxe-a no avião sem qualquer problema. E depois:

— Passei toda a minha juventude em Moçambique, onde uma catana é apenas um utensílio agrícola.

Isto é uma coisa que milhares de portugueses, militares ou civis, sabem perfeitamente, continuou ele, até porque muitos as trouxeram de lá. O que o conduziu aos pontos seguintes do seu raciocínio: uma catana é tanto um instrumento agrícola como, por exemplo, uma foice no Alentejo ou uma gadanha no Minho. Durante séculos, Moçambique foi considerado uma província portuguesa. Logo, uma catana é, historicamente, um instrumento agrícola «português».

— Ninguém será preso por sair à rua com uma foice. E se a gente se meter à porta de um armazém de ferragens ou de bricolagem, vê homens a saírem com foices, enxadas, machados, ancinhos,

gadanhas e até tesouras de podar com lâminas deste tamanho!,
disse o temível homem da catana, abrindo os braços.

Quem é que os prende?

Tenham pena da humanidade

Se pensam que a vida vos correu mal, continuem a ler. Pois não haverá nesta União Europeia criatura mais abjecta, pior formada e rasquenta, mas também infeliz, azarada e trapalhona que o pobre Vítor. Que é o único culpado disto tudo, chegou ele a dizer, mas que viu finalmente o brilho celeste do arrependimento. E, já que foi ele a definir-se assim, e ninguém o desmentiu, não há nenhuma maldade em repetir.

Ele, por exemplo, abriu os braços como um mártir antigo e gritou:

— Estou farto de sofrer, eu estou farto de sofrer, a minha vida é só sofrimento, é só sofrer é só sofrer, eu só quero que me dêem uma oportunidade, se quiserem perdoem-me, se não quiserem não perdoem!...

Disse isto e uma lágrima quente abriu-lhe um sulco de limpeza no sebo da cara, os dentes rangeram-lhe com um som horrível, colou o queixo no esterno e fechou as mãos aproximadamente na zona da artéria aorta.

Isto foi visto por várias pessoas no Tribunal de Polícia e a impressão geral foi a de que Vítor parecia um pouco exagerado (houve risadas) tendo em conta a pequenez do seu caso.

Vítor, afinal de contas, apenas caiu da bicicleta. Ia na bicicleta, na Avenida 24 de Julho, em Lisboa, não viu um carro e bateu nele. O condutor do automóvel, preocupado com a saúde de Vítor,

saltou e foi-lhe apalpar o pulso. Mas Vítor levantou-se e, tendo o feitio delicado que vamos tentar explicar melhor, virou-se para o condutor para lhe dar um soco. O condutor deu duas corridas em volta do carro, a fugir de Vítor (que é pequenino como um buldogue e com excelentes maxilares) a gritar por socorro e a chamar a polícia.

Vieram os guardas e mandaram-no soprar no balão, ficando Vítor a saber que uma bicicleta é um veículo como qualquer outro em matéria de desastre. Soprou ao lado do balão, distraidamente, a ver se os enganava.

Agora estava no Tribunal de Polícia, a tremer, a chorar, e a explicar que não se lembra onde é que mora. De facto, tinha medo de ser preso e matar dois cães por falta de alimento, se o mandassem para a penitenciária:

— Eu tenho lá dois pastores alemães que, se eu não vou, vão morrer à fome!, tremeu ele, acrescentando uma frase de bom recorte:

— Ser lúcido é que é bonito. Eu nunca mais bebo.

Mas que não tinha ainda o alcance universal da seguinte, que será capaz de comover um fiscal do IRS:

— Tenham pena, tenham pena da humanidade!

E depois caiu no disparate de confessar que, como pedreiro, ganha pelo menos 12 contos por dia, e só trabalha nos dias que lhe apetece, abrindo caminho, desta maneira, a uma multa inflacionada, por desobediência à autoridade, num total de 58 contos (com custas) ou 60 dias de prisão.

O guarda que o prendeu disse-lhe lá fora «você, você ganha muito mais do que eu!...» e Vítor mudou de atitude. Foi um processo gradual.

Vítor explicou que, como homem, se sente um pouco cansado

de ter passado quase metade da vida na prisão. Esteve no Linhó, esteve em Sintra, Vale de Judeus, Pinheiro da Cruz e ainda noutras, até ficar «mesmo despassarado».

— Comecei a andar à porrada com os outros presos, a dar porrada nos guardas (desgraçaram-me a vida, os guardas), andei à porrada com o director da prisão. Porra, estou farto de sofrer.

E depois falou comigo, em privado:

— Eh pá, na prisão não se aprende nada, só se desaprende. Não há condições, pá, cortam-nos a luz, dão-nos um balde para as necessidades... Uma porcaria. Não há condições, pá. Você diz então que é jornalista...

— Sim.

— Eu também conheço uma rapariga que se chama Jornalista...

— Chama-se jornalista... (?)

— É assim loira, de olhos azuis. Não conhece?

— Bom, não sei...

— Tem um Renault 5. Azul. Azul metalizado...

— Lamento...

— É muita bacana. Conversar com ela é muita bacana, disse Vítor, feliz, mas com um qualquer toque masculino que é bom deixarmos aqui um alerta à colega loira de olhos azuis com um Renault 5 azul metalizado. Depois abanou os ombros e deu uma cotovelada no ar:

— Mas não é para o Vítor... Não é aqui para o Vítor... Bom, temos de nos ver um dia outra vez, OK?... Para conversamos, OK?

— Claro.

Um animal entre senhoras

Ela entrou na sala do julgamento em passos curtos, como uma patinha fora do lago, mas houve um equívoco que suavizou o ambiente.

- Profissão?
- Gráfica.
- Grávida?!
- Gráfica!

O ouvido da juíza confundira profissão com estado e riram-se ambas porque mais grávida não podia estar aquela gráfica. A conversa transformou-se num interrogatório detalhado, minucioso e muito particular. Deve ser difícil encontrar grávidas que contem coisas tão fora do que se espera de uma grávida, mas a grande barriga dela provava que o tempo passara e que os factos já pertenciam a uma vida anterior. Ela contou todos os disparates que vivera na noite de Carnaval de 1993, na discoteca Benzina, quando namorava o Paulo, com quem namorou dez anos e que neste momento já não namora há cinco. Foi um grande escândalo e meteu duas irmãs muito novas. Sobre uma delas, disse a gráfica:

- Não tenho nada contra ela... Bom... ahhh tenho... partiu-me a cabeça.
- O que é que se passou?

E ela contou como tinha entrado com o namorado na discoteca e, a certa altura, estavam a dançar na pista.

— Quando estávamos a dançar vieram duas raparigas que começaram a dançar à minha frente. Uma pôs-se ao meu lado e depois veio a outra e começaram a dar-me assim, e depois, assim com os braços...

Tudo isto a grávida ilustrou com golpes de anca e abrindo os braços como asas de galinha.

- E ao arguido?
- Tocavam-lhe também com a anca. E... apalpavam-no.

O rapaz que estava no banco dos réus, atrás da grávida, descaiu ligeiramente a cabeça. Era o Paulo e sabia o que se seguia. Esta não era a primeira sessão do seu julgamento, ele próprio já contara uma versão do caso. Paulo é um rapaz magro, de ar perdido, e deve ter algo raro para despertar tais paixões entre as mulheres. Agora vinha a parte que importava.

- Onde?, continuou o delegado.
- Onde? Eh, eh..., engasgou-se a grávida, rindo.
- Vai ter de dizer exactamente onde...
- É que o seu ex-namorado contou que o tinham apalpado nos genitais, interveio a juíza.

— Ah pois foi, nos genitais!, disse ela, aliviada.

Sabendo que tinha carta branca, a cara desanuviou-se-lhe e assumiu mesmo aquela arrogância das grávidas, o nariz empinado, os olhos de «deixem passar quem trabalha!», tudo aliás perfeitamente desculpável em quem carrega dois bateres de coração.

— Inclusive punham-se de costas e roçavam-se nos órgãos genitais dele e foi aí que eu disse que parassem que já não estávamos a achar graça nenhuma!

Isto é, ela não estava a achar graça nenhuma, isso de certeza absoluta. Mas não levem a mal o rapaz, pois no fim mostrou de que cepa era feito.

— Não havia situação de enchente que desse para empurrarem assim. E elas riam-se e continuavam a apalpar, contou a grávida.

E, para melhor mostrar esta realidade, fazia gestos com as mãos que são vistos com mais frequência no segundo andaime das obras, e trocados entre homens de fraca escolaridade, quando na rua passa uma menina elegante.

Os dois foram ao bar, mas quando voltaram lá lhes caíram de novo as duas irmãs, pareciam mosquinhas à volta do mel.

— E ele não se apercebeu do que lhe estavam a fazer?

— Apercebeu-se... mas estava à espera que eu é que resolvesse a situação. Como eram também raparigas...

(O grande malandro, noite de Carnaval.)

— Mas por que é que ele não se afastou?, perguntou o delegado.

— Eu via-o com uma atitude de não saber bem o que fazer.

— Ficou encavacado?

— Sim, disse a ex-namorada.

— Então a dada altura disse-lhes que tinham de parar...

— Sim. Eu virei-me e disse: «Não acham que já chega?!»

— E...

— ... e a M. deu-me com o copo.

Uma das irmãs deu-lhe com um copo no alto da testa, fazendo imediatamente o sangue jorrar, como viram várias pessoas. Teve de levar dois pontos. Mas não foi nada comparado com o que Paulo fez depois a M. Segundo a grávida, o copo não partiu e M., a mais feroz das irmãs, avançou para Paulo para também lhe enfiar uma cacetada na cabeça. Não teve tempo.

— Ela avançou para ele e...

— E ele deu-lhe um murro.

— E como é que a senhora ficou?

— Eu?

— A senhora do copo...

— Ah, ficou estendida no chão!, disse a grávida, feliz como a borboleta do campo.

Ouviu-se um murmúrio na sala. Lá atrás estavam as duas irmãs, abanando a cabeça e, ao lado, a mãe delas, que não mudava de cara. Dera-lhes uma educação esmerada, via-se na roupa e pestanas compridas delas, que reluziam a praias e a torneios de ténis, e nos pescoços moldados na equitação e bailes de debutantes. A mãe olhou o relógio, uma caríssima jóia discreta.

(«Vai ver, são todas benzocas», tinham-me dito.)

As duas irmãs tinham dito uma coisa totalmente diferente e era nisso que a mãe queria acreditar. Tinham a seu favor a extrema violência do murro de Paulo. M. caíra desmaiada no chão, com a cara num bolo a esguichar sangue. O relatório médico dava calafrios: «Sofreu traumatismo da pirâmide nasal, fractura dos ossos próprios do nariz, hematoma do capto.» Quando a polícia pegara neste relatório acrescentara em português policial as consequências do golpe: «Posteriormente teve necessidade de se submeter a uma ‘intreversão cirúrgica’ devido ao facto de ter ficado com a cara torta, dificultando a respiração.» As fotografias do processo pareciam de uma rapariga deformada depois de cair de nariz de um prédio.

Segundo tinham dito as duas irmãs, que queriam Paulo condenado, elas estavam a dançar com os amigos, nunca o tinham visto na vida e nunca, mas mesmo nunca, o apalparam. M. tinha sido agredida com dois murros (o primeiro no olho) quando vira Paulo a puxar os cabelos da irmã e se aproximara para saber o que se passava. Só isso. Nunca levantara um copo.

— Então como é que eu parti a cabeça?, perguntou a ex-namorada.

— Elas teriam bebido?

— Acho que sim. Mas sabiam o que faziam, não estavam em coma alcoólico.

A acusação pública pediu a absolvição de Paulo, por falta de provas. Ele agira em sua defesa e em reacção ao golpe na sua namorada. Mas ficou com fama indigna no Benzina. Segundo uma testemunha, as pessoas diziam nessa noite:

— É um animal, ninguém faz aquilo a uma senhora.

Resta saber que senhora faz aquilo a um animal.



LEVANTE-SE O RÉU

foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso pela Guide, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book de 80 g,
em Julho de 2015.